

MACHADO, Irene A.. Lições de Lafetá. *Língua e Literatura*, n. 22, p. 11-12, 1996.

LIÇÕES DE LAFETÁ

Irene A. Machado

Somente numa circunstância como essa é que poderia saudar o professor Lafetá como sua ex-aluna. Ele demonstrou surpresa quando lhe disse, durante o exame de qualificação para o doutorado, que fora sua aluna da última turma do curso de Análise Literária do Equipe Vestibulares. É como aluna de Lafetá, do cursinho ao doutorado, dos anos 70 aos anos 90, que mantenho vivas memórias que me permitem falar, não do que passou, mas do que ficou dos cursos sobre temas tão variados que tive o privilégio de realizar. É uma forma de dividir os ganhos, já que não podemos diminuir o tamanho da perda.

Na época em que os candidatos ao curso de Letras eram obrigados a realizar uma prova específica de análise literária, Lafetá nos introduzia com sabedoria, dedicação e paciência no universo da análise de texto literário. Para nós, ainda adolescentes, a tarefa parecia invencível. Nosso primeiro trabalho não poderia ser mais desafiador: o consagrado soneto de Camões **Amor é fogo que arde sem se ver...** Depois das aulas e das muitas explicações paralelas, Lafetá lançou o desafio maior: escrever o texto da análise realizada durante as aulas. As dificuldades eram muitas, mas Lafetá lia, corrigia e fazia anotações em nossos textos, nos obrigando à reelaboração. Essa foi minha primeira lição de análise de poesia.

Infelizmente, a prova de análise literária deixou de ser obrigatória poucos meses antes do vestibular e o curso, conseqüentemente, interrompido. Mas, como a vida guarda muitas surpresas, no ano seguinte, já aluna do curso de Letras, o curso de Introdução aos Estudos Literários seria ministrado pelo professor João Luiz Lafetá. Na minha cabeça (ainda de colegial) o curso da USP iria simplesmente continuar as aulas interrompidas no cursinho. Minha ilusão se desfez quando Lafetá apresentou o programa do curso: iria discutir, naquele semestre, as teorias do Formalismo Russo. Logo para a segunda aula, era obrigatório o fichamento dos textos teóricos (ainda me

lembro da dificuldade que surgiu na leitura de “Temática” e de “A arte como procedimento”). Mas as aulas compensavam as dificuldades. Lafetá encaminhava a discussão dos conceitos e das formulações – que ainda na década de 70 causariam tantas polêmicas – com a sabedoria crítica que é fundamental aos estudos teóricos que visam a uma prática de análise de texto. E foi nesse curso que realizei outra leitura marcante: *A queda da casa de Usher*, de Edgard Allan Poe. No auditório lotado dos “barracos”, onde funcionavam os cursos de Letras, Filosofia e Ciências Sociais, Lafetá conduzia debates e discussões calorosas sobre as teorias e os textos literários. A calma, a paciência, o bom senso e a elegância no trato com a palavra, com o discurso em sala de aula, se tornaram qualidades louváveis do mestre Lafetá e se impunham numa época difícil para a literatura, para a arte, para o ensino, para a vida. Nesse tempo e nas aulas de Lafetá iniciei os estudos de teoria literária propriamente dita.

Quando poderia imaginar que, dez anos depois, numa época menos conturbada, iria me dedicar aos estudos dos teóricos russos e defender teses sobre os temas e autores que conheci, pela primeira vez, nas aulas de Lafetá? Não se trata de um autor que se cita mas de um professor que nos levou à descoberta. Sua ausência é dolorosa mas a luz que iluminou essa descoberta não se apaga porque se transformou em obra, em pesquisa. As lições permaneceram vivas ao longo do tempo.

Evidentemente, esta é uma lembrança antiga, mas não é apenas uma memória viva. Para mim é uma forma de o professor das primeiras letras literárias continuar falando, ao vivo, num trabalho que tenho continuado. Com certeza, seus alunos e orientandos recentes podem falar com mais intimidade da figura humana e profissional que foi Lafetá. Meu contato com o professor Lafetá é antigo, foi restrito, mas muito fértil. Quando retornei à USP para realizar o doutorado foi novamente Lafetá o professor de meu primeiro curso. Sua pesquisa, a teoria dos gêneros e o romance de Graciliano Ramos, dizia respeito direto ao meu campo de interesse, apesar das diferentes linhas teóricas. E esse foi um dado novo na relação de professor-aluno: Lafetá ouvia, ponderava e sugeria com muito respeito e delicadeza. Mais uma vez ficou a imagem de quem está comprometido com o saber do outro, seu aluno. Esse era um outro momento de minha formação, mas o professor Lafetá continuava a provocar os desafios que eu, reservadamente, tentei resolver.

Apesar da dor que envolve esse momento, falar sobre essas coincidências que marcaram minha vida de aluna de Lafetá é para mim uma forma de introduzir nessa homenagem meu sincero agradecimento.